

Dialética e Interdisciplinaridade:

Contribuições ao Debate Ambiental Crítico

César Augusto da Costa¹

RESUMO: Este estudo aborda de modo preliminar as relações entre a interdisciplinaridade e dialética a partir do horizonte ambiental cuja temática está sendo desenvolvida em nossa proposta de tese doutoral. Assim, serão analisados os vínculos que unem interdisciplinaridade enquanto prática na pesquisa pedagógica e suas implicações ao debate ambiental crítico, histórico e complexo. Conseqüentemente, tal problemática confere a educação ambiental crítica uma nova configuração epistemológica que influirá num redimensionamento para o papel do pesquisador face às mudanças conceituais que o emergente cenário interdisciplinar traz ao mundo acadêmico e a educação ambiental crítica contemporânea.

Palavras-chave: dialética; educação ambiental; crítica; interdisciplinaridade.

O HORIZONTE INTERDISCIPLINAR

A historicamente a interdisciplinaridade surgiu no continente europeu, principalmente na França e Itália, em meio à década de 60, quando os movimentos estudantis tinham como sua principal reivindicação um novo estatuto de universidade. Tal questão apontava a alienação capitalista de algumas ciências, alienando a universidade dos problemas cotidianos e incitava o olhar dos seus alunos numa única e restrita visão de mundo.

No contexto latino-americano, tal posicionamento acerca da interdisciplinaridade aparece no ano de 1968 no México, em 1969 na Argentina, onde se discutia a cisão teoria/prática na falta de relevância social nos conteúdos curriculares. Assim, decidiam dar uma resposta estudantil a partir de um discurso que levava em conta uma crítica sobre seus significados. Havia a hipótese que esta nova forma de conceber o conhecimento daria lugar à superação de uma excessiva especialização, e outra, elaborando novos meios de vincular pensamento e prática dentro da estrutura social. Nesse quadro, constatava-se que a ciência traria solução para a questão social que havia de ser colocada por via da ação política (FOLLARI, 2004). O termo interdisciplinaridade caracteriza-se pelo enfoque científico e pedagógico que se estabelece por um diálogo entre especialistas de diversas áreas sobre uma determinada temática (ASSMANN, 1999).

Começaremos nossa exposição, percorrendo os caminhos da educação ambiental atual e seus desdobramentos com o enfoque materialista.

O DEBATE AMBIENTAL CONTEMPORÂNEO A PARTIR DA DIALÉTICA

Os debates sobre a problemática ambiental no mundo contemporâneo têm feito parte das preocupações dos variados setores sociais. Desde a Revolução Industrial, a atividade

¹ Sociólogo e Pesquisador. Doutorando em Educação Ambiental/FURG. Bolsista do CNPq. Professor convidado nos cursos de Pós-Graduação em Educação na cidade de Pelotas/RS. E-mail: <csc193@hotmail.com>.

interventora e transformadora do homem em sua relação com a natureza vem se tornando cada vez mais predatória (TOZONI-REIS, 2008). Diante tal discussão, emerge assim, a necessidade de renovar os valores da modernidade (DUPUY, 1980), a autonomia como princípio fundamental da nova organização social (CASTORIADIS E COHN-BENDIT, 1981), a dimensão essencialmente política da ecologia (SADER, 1992), a relação entre cidadania e ambiente (ACSERALD, 1992), são algumas ideias em elaboração.

No que toca campo teórico ambiental, várias possibilidades têm sido propostas. As tendências presentes nessas discussões referem-se, em síntese, a totalidade, a complexidade e a história. No entanto, é na dialética materialista como construção lógica do método materialista histórico, que buscamos sustentação teórico-metodológica para compreendermos a realidade ambiental (TOZONI-REIS, 2008). Também, é preciso apontar que para a perspectiva dialética materialista, o discurso concreto possui efetividade se for pronunciado por uma prática histórica configurada socialmente (GADOTTI, 1983). Da mesma maneira, cabe assinalar que é na prática que se opera a síntese entre teoria e realidade (SEVERINO, 2004).

Assim a discussão ambiental analisada em sua dimensão epistemológica sugere reflexões acerca da sua problemática concreta. Ou seja, pela aproximação desta dimensão e tentando adentrar em suas determinações, que encontramos um horizonte para repensarmos os pressupostos teóricos sobre educação ambiental e pelo caráter essencialmente histórico: a intervenção do homem no ambiente (MARX, 1993). A partir desta premissa, concebemos que o método dialético materialista terá que dar lugar ao heterogêneo de suas contradições apresentando-se ao ato de fazer-se inacabado ou incapaz de fechamento e de totalizações como muitos acusam, num viés teórico marcado às diferenças, aos acontecimentos e à subjetividade que não se encerre aos limites de uma razão abstrata e generalizante (FOLLARI, 2004).

A dialética materialista não é apenas um método para se chegar à verdade (sempre relativa e provisória), ela é uma concepção de homem, sociedade e da relação homem-mundo. Nesta concepção entendemos que, no estudo do desenvolvimento de um fenômeno deve-se partir do seu conteúdo interno, das suas relações com outros fenômenos considerando o desenvolvimento interno dos mesmos como sendo o seu movimento próprio, necessário, interno, encontrando-se cada fenômeno em ligação com seu movimento, em ligação e interação com outros fenômenos que o cercam.

Tal concepção não separa em nenhum momento teoria (conhecimento) da prática (ação), do qual a teoria não deve ser tomada como um dogma irrefutável, mas deve orientar, servir de modelo para a ação (GADOTTI, 1983; SCHMIED-KOWARZIK, 1983). Segundo Marx, sua concepção de práxis é válida na medida em que a teoria como guia de ação orienta a atividade humana, eminentemente revolucionária, e teórica, uma vez que se presta a uma relação consciente de sua atividade (SÁNCHEZ-VÁSQUEZ, 2008). Nesse caso, a transformação das coisas só é possível porque no seu interior coexistem forças opostas que tendem à unidade e à oposição, à lógica dos contrários, à contradição, lei fundamental da dialética.

Consequentemente, a atual complexidade ambiental tem se caracterizado como a expressão do reconhecimento da crise civilizatória e pela projeção de um pensamento e ações complexas orientadas no sentido de reconstruir o mundo sob novas bases na relação sociedade-natureza (LEFF, 2001). Essa concepção vem de modo reforçar o fundamento e a sustentação na dialética histórica para pensarmos a complexidade e o ambiente. Por sua vez, a dialética e sua efetividade crítica é o exercício complexo e totalizador que permite apreender a síntese das múltiplas determinações. Isso não significa um estudo da totalidade da realidade (vista que ela seria inesgotável) de uma só vez. Mas compreender de modo racional a mesma como um todo estruturado no qual o seu entendimento como um todo estruturado não se pode compreender um aspecto sem relação com o conjunto. Possibilita compreender que o singular tem sentido em suas relações (totalizações) e que o todo é mais que a soma de singularidades, ou seja, busca integrar teoria e práxis, subjetividade, Revbea, Rio Grande, V. 7, Nº 2:77-82, 2012.

individualidade, matéria e ideia no processo de historicidade (LOWY, 2002). Logo, a concepção dialética materialista implica que qualquer objeto que possamos perceber faz parte de um todo, por isso, é preciso buscar a solução das questões depende de uma visão de conjunto sempre provisória e que não tem a pretensão de esgotamento do real (KONDER, 1997), mas torna-se fundamento para que possamos analisar a dimensão de cada elemento dentro de uma estrutura (LOUREIRO, 2006). Tal problemática que apontamos, deve abarcar uma dialética ambiental que não deve perder seu horizonte compreensivo, ou seja, ser motor de prática e campo de reflexão sobre o social e o político.

Vejamos agora, a relação entre a interdisciplinaridade e a dialética materialista.

INTERDISCIPLINARIDADE E DIALÉTICA: APROXIMAÇÕES

O contraponto que será examinado é o aporte interdisciplinar originário do paradigma marxista dialético, que surge como proposta crítica ao movimento existente. Percebemos a necessidade da abordagem epistemológica da interdisciplinaridade de forma histórica e crítica, pois compreendemos uma perspectiva que fundamente que tal compreensão material e histórica não exclua a necessidade de avançarmos na produção do conhecimento. Isso não implica que interdisciplinaridade e especialidade (disciplina) não possam conviver de forma harmoniosa, dado que o “genérico e o específico não são excludentes” (JANTSCH E BIACHETTI, 2004), uma vez que, também o enfoque disciplinar não venha a negar radicalmente a interdisciplina, pois tanto uma visão como outra, estão alicerçadas sob relações de poder.

Entendemos que a necessidade do trabalho interdisciplinar se verifica na produção e na socialização do conhecimento no campo das ciências sociais e no campo educativo e o que desenvolve no seu bojo não decorre de um simples ato racional e abstrato. Decorre da forma do homem produzir-se enquanto ser social e enquanto sujeito do conhecimento, pois os homens na busca de satisfação de suas necessidades de natureza biológica, cultural, social e afetiva estabelecem diversas relações sociais. Para determinados grupos a produção do conhecimento e sua socialização não são alheias ao conjunto de práticas e relações que são produzidas na sociedade. Ao contrário, nelas encontra-se a sua efetividade na materialidade histórica! Daí, a necessidade de buscar compreender que a interdisciplinaridade na produção do conhecimento é fundada no caráter dialético da realidade social que é, una e diversa e na natureza intersubjetiva de sua apreensão (FRIGOTTO, 2004). Desse modo, a compreensão da categoria da totalidade concreta em contraposição à totalidade confusa, desordenada e vazia é necessária para assinalarmos a interdisciplinaridade como necessidade imperativa na construção do conhecimento social. Como adverte Kosik (1978), a totalidade não é tudo e nem a busca do princípio fundador de tudo. Analisar dentro da concepção de totalidade concreta significa buscar explicar, de um objeto de pesquisa delimitado, as múltiplas determinações e mediações históricas que o constituem.

Por consequência, a necessidade que apontamos na produção do conhecimento não é prerrogativa apenas nas ciências sociais (como também nas ciências humanas), embora nelas, mostra-se mais crucial, já que o alcance de uma maior objetividade (sempre relativa, porque histórica) será possível pelo debate crítico e intersubjetivo dos sujeitos que analisam uma determinada problemática (FRIGOTTO, 2004). Asseguramos que o conhecimento vem atrelado por interesses, concepções, axiomas e condições de classe do pesquisador, onde a interdisciplinaridade na produção do conhecimento é necessária, mas é também uma questão que está lotada na materialidade das relações capitalistas de produção da existência. Sem entrarmos na aridez desta materialidade, o problema da interdisciplinaridade permanece num espaço lógico-formal, portanto, discursivo.

Em relação à importância do conhecimento vinculado à prática (MARX E ENGELS, 1977), pontuamos que a prática produtiva dos homens está antropologicamente equacionada

por expressar a coletividade, uma vez que, a espécie humana é ímpar na medida em que se efetiva em sociedade, pois o ser humano só existe dentro de um tecido social como solo (base) de todas as relações sociais. Todavia, o conhecimento não se estabelece a partir de nexos lógico-formais. Ele se apresenta de maneira axiológica nos problemas de natureza ético-política (SEVERINO, 2004) onde ganha em ação, efetividade, intencionalidade teórica e sócio-política.

Podemos observar que a prática interdisciplinar do saber deverá se constituir na face subjetiva e política dos sujeitos, onde o importante no conhecimento não é a sua condição de produto, mas o seu processo! No que concerne ao agir pedagógico, o saber não pode acontecer na fragmentação, deverá acontecer, sob perspectiva da totalidade e objetividade para situações de ensino como pesquisa. Este redirecionamento do sentido interdisciplinar do qual tentaremos elucidar, é, sobretudo, uma reflexão, uma práxis concreta do homem enquanto historicidade e razão crítica.

Finalizamos nossa exposição, aludindo as perspectivas ao horizonte ambiental interdisciplinar crítico e a dialética materialista.

PISTAS E DESAFIOS: DIALÉTICA E AMBIENTE A PARTIR DA INTERDISCIPLINARIDADE

Para finalizarmos nossa discussão preliminar, podemos elencar alguns elementos que julgamos centrais. Ao pensarmos uma interdisciplinaridade ambiental mais aberta aos problemas éticos, humanos e políticos, não seria errôneo afirmar que os confrontos epistemológicos devem se materializar na medida em que, assumindo posições críticas, o pesquisador deverá ter competência para disponibilizar as mais diversas informações ao mundo da sala de aula. Condição que deve ser orientada através de uma busca compartilhada nas pesquisas que possam trazer provocações e contribuições para as “demandas humanas”. Em outras palavras, queremos apontar para a busca de uma originalidade entre dialética, interdisciplinaridade e ambiente que dê vazão aos engajamentos histórico-políticos, bem como da construção de um pensamento vivo, crítico, humanístico e libertador na maneira de conceber a sociedade ambientalmente justa.

Tais propostas expandem também o interesse por desenvolver um paradigma de complexidade para o conhecimento, que Morin (2000) considera um novo método para o saber. Não se trata de buscar o conhecimento geral nem uma teoria unitária, mas sim de encontrar um método que detecte as ligações e articulações. Para Morin, a complexidade ambiental está no sentido de que a vida se constitui por dimensões conexas, definidas mutuamente pelas relações estabelecidas, envolvendo ordem e desordem, erro e acerto, risco e incerteza numa reorganização permanente (MORIN, 1999). Portanto, complexidade incide transformação contínua para superar paradigmas simplificadores que operam a disjunção homem-natureza ou que reduzem o ser humano à natureza de modo indistinto. Assim, a realização da natureza humana é aquilo que nos distingue como seres naturais das demais espécies, pois somos produtores da nossa história e dos meios de vida em ações que pressupõem a capacidade de definir objetivos com razão na busca de cooperação (LOUREIRO, 2006). Vista dessa maneira, nos atrevemos a conceber que a complexidade e o método dialético marxista dialogam na construção de um projeto de transformação da sociedade, quer definindo paradigmas (LOUREIRO, 2006), quer modos de pensar e atuar, pois nada se define em si mesmo e de modo a-histórico, mas em conexão com a historicidade (onde somos sujeitos culturalmente). O enfoque materialista é, dentre as perspectivas teóricas que se aproximam do pensamento complexo, cuja vertente se propõe a teorizar e realizar em fundamentos contextualizados, dando concretude às alternativas de superação ao modo como existimos em sociedade.

Nesse sentido, uma educação ambiental transformadora exige sistematizar os processos de construção crítica de conhecimentos, atitudes e valores políticos, sociais

e históricos (TOZONI-REIS, 2008). Podemos dizer que a gênese do processo educativo ambiental é o movimento de fazer-se plenamente humano pela apropriação/transmissão crítica e transformadora da totalidade histórica e concreta da vida dos homens. Ser interdisciplinar é reconhecer-se dentro de um processo em construção pautado pela problematização da disciplina e dessa com suas interconexões sociais, culturais e ambientais. Acima de tudo, nessa construção interdisciplinar é preciso considerar a ação radical de coexistência entre intervenção humana e o ambiente. Assim, afirmamos que cabe aos processos de busca da interdisciplinaridade e educação ambiental crítica refletir sobre a dinâmica política necessária para a relação homem-natureza (SILVA, 2009) o qual sem esta dimensão torna o debate crítico impossibilitado pela “negação da materialidade” contida nas relações sociais.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, H. (Org). **Meio ambiente e democracia**. Rio de Janeiro: IBASE, 1992.
- ASSMANN, H. **Reencantar à Educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CASTORIADIS, C; COHN-BENDIT, D. **Da ecologia à autonomia**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- DUPUY, J. P. **Introdução à crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- FOLLARI, R. Interdisciplina e dialética: sobre um mal entendido. In: JANTSH; A; BIANCHETTI, L. (Orgs.). **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 127-141.
- FRIGOTTO, G. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. In: JANTSH; A; BIANCHETTI, L. (Orgs.). **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 25-49.
- GADOTTI, M. **Concepção dialética da educação**. São Paulo: Cortez, 1983.
- JANTSH, A; BIANCHETTI, L. (Orgs.). **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- KONDER, L. **O que é Dialética**. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.
- LOUREIRO, C. F. B. **Trajetória e fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006.
- LOWY, M. **A teoria da revolução no jovem Marx**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Grijalbo, 1977.
- MARX, K. **Manuscritos económicos-filosóficos**. Portugal: Edições 70, 1993.
- MORIN, E. **O Paradigma perdido: a natureza humana**. Lisboa: Europa-América, 1999.
- _____. **A inteligência da complexidade**. São Paulo: Fundação Petrópolis, 2000.
- SADER, E. A ecologia será política ou não será. In: FUKS, M.; GOLDEMBERG, M. (Coord.) **Ecologia, ciência e política**. Rio de Janeiro: Revan, 1992.
- SÁNCHEZ-VÁSQUEZ, A. **Filosofia da Práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

SEVERINO, A. O uno e o múltiplo: o sentido antropológico do interdisciplinar. In: JANTSH, A; BIANCHETTI, L. (Orgs.). **Interdisciplinaridade para além da filosofia do sujeito**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 159-175.

SILVA, L. Reflexões sobre interdisciplinaridade e educação ambiental crítica. **Pesquisa em debate**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 1-16, jul-dez. 2009.

SCHMIED-KOWARZIK, W. **Pedagogia dialética**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

TOZONI-REIS, M. **Natureza, razão e educação ambiental**: contribuições para uma pedagogia da educação ambiental. São Paulo: [s.n.], 2008.